

# A CRÍTICA SOCIAL EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

*Roseana Nunes Baracat de Souza Figueiredo\**

## RESUMO

**M**emórias póstumas de Brás Cubas é considerada uma obra divi-sória de águas, pois estabelece a ruptura de Machado de Assis com os padrões que o norteavam até então.

Ao substituir a linearidade da narrativa, a preferência pela ação e a leve caracterização das personagens por uma lógica independente da cronologia, que permite ao narrador viajar pelo tempo sem perder o rumo dos acontecimentos, torna possível a inserção de cuidadosas reflexões em qualquer um dos capítulos da obra, ou permite a condução dos acontecimentos sem ficar à mercê da necessidade de encadear os assuntos um após outro.

Porém, a grande ruptura ocorre na preferência do autor pela caracterização das personagens, analisadas através de seus aspectos comportamentais, isto é, através da postura que assumem diante dos acontecimentos e da sociedade em que vivem. A caracterização psicológica das personagens, a ironia com que trata as desigualdades sociais e o deboche que faz à classe dominante constituem a essência da obra de Machado de Assis e é esse aspecto que pretendo destacar nesse trabalho, não profundamente, mas com o intuito de mostrar a crítica que Machado faz à sociedade de sua época e como suas personagens funcionam nesse universo.

## A DESFAÇATEZ DAS ELITES DOMINANTES

**B**rás Cubas, segundo Roberto Schwarz, é a encarnação da elite dominante brasileira, uma elite frívola, exibicionista, cínica, “respeitável” e cheia de conhecimentos superficiais. Uma classe solidária entre si, mas insensível com a classe inferior. Uma classe que discute idéias liberais européias, as idéias francesas mais especificamente, porque essas idéias representavam a modernidade, mas na prática vive o contrário do que prega.

\* Mestranda em Letras – Universidade de São Paulo.

Brás Cubas, o símbolo dessa classe, mistura compaixão e crueldade, frase sentenciosa com deboche, recorre às mais variadas teorias para debochar de todas. Brás é marcado pela idéia fixa da fama, possui mania genealógica, filosofa a respeito de tudo e não tem filosofia nenhuma. Brás é um charlatão, só quer ganhar fama com a invenção do emplasto e apresenta-se, então, como o salvador da humanidade. A narrativa faz passar diante de nós as estações da vida de um brasileiro rico e desocupado. Temos o nascimento, a infância, os estudos de Direito em Coimbra, os amores diversos, as veleidades de todo tipo e por fim a morte. Estão ausentes o trabalho e qualquer forma de projeto consistente. Tudo o que Brás tem é devido a um privilégio de classe.

As finalidades mestras da vida burguesa tomam feições barateadas; no lugar do estudo temos alguns anos de folia em Portugal; no lugar da Política, um discurso parlamentar sobre a conveniência em diminuir em duas polegadas as barretinas da Guarda Nacional; a filosofia é apresentada por meio de reflexões sociais inspiradas em brigas de cachorros e o emplasto faz as vezes da ciência e da Livre Empresa. O acento satírico sugere que a Ciência, a Política e a Filosofia não passam de afetação, nesses casos, mas nem por isso deixam de ser presenças atuantes, indispensáveis à fisionomia da personagem, que não seria ele mesmo se não ambicionasse a glória.

A igualdade de apetites diante de primazias tão diversas, bem como a disposição de alcançá-las sem esforço, desmerece todas. Brás aspirava a uma supremacia qualquer que fosse. Isto faz parte da volubilidade do contexto que ele representa. O volúvel Brás Cubas senta no banco dos réus para rir de todos e de tudo e, principalmente, para evidenciar e gozar sua impunidade.

Brás tem a escravaria a seu dispor. Os escravos eram propícios às brutalidades e caprichos de Brasinho, que atinge, também, as visitas da casa, mas todos reagem complacientemente.

Ele afronta o leitor invadindo e perturbando o curso do romance; isso representa uma conduta própria da classe dominante brasileira: a intromissão. Toda intenção seria mostrar a superioridade do narrador e da classe que ele simboliza. Há uma intenção de sintetizar um tipo representativo dessa classe dominante. Para dar vida ao protagonista foi preciso trazer à cena um elenco de personagens que em certo plano resumisse a sociedade nacional.

Temos Virgília que faz questão do bom e do melhor, que quer a liberdade no amor sem o prejuízo da vida familiar sólida – a união do progresso europeu e o arcaísmo colonial. A ironia da prosa machadiana reside nisto, uma crítica a esta situação que consiste em mostrar como são compatíveis aqui coisas tão diferentes, até contrárias.

Brás Cubas era solidário a sua classe na superfície, mas não na verdade, pois seu *alter ego* esclarecido vive piscando para o leitor e indicando como eram bárbaros sua própria pessoa, o seu cunhado, os seus tios, a sua amada, os seus pais. A

obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* toma como referente os abusos da classe dominante brasileira. Esta camada social vivia oscilando numa escala de valores opostos, devido ao fato da dissonância existente entre os modelos culturais em voga no século XIX e a realidade de um sistema social escravista e oligárquico. Em suma, defendia-se um ideal liberal, organizava-se o Estado em termos liberais e por outro lado mantinha-se na prática o sistema opressivo, criando-se assim uma sociedade de idéias fora do lugar.

## CONCLUSÃO

Machado de Assis procura em *Brás Cubas* o modelo para representar a sociedade de sua época. A personagem machadiana é o Homem de sempre. Ao fim do romance, nos vemos um pouco *Brás Cubas*. Machado não lhe perdoa as mesquinhas pequenas e grandes, as indecisões, o oportunismo disfarçado, a falsa devoção e a moral de fachada.

Machado é implacável e irônico, não ocultando seu desencanto com a vida. Ele utiliza *Brás Cubas*, como um protótipo, para desnudar as falsas virtudes, os interesses escusos, a caridade ostensiva, tudo enfim, que constitui o avesso de uma vida socialmente digna e respeitável. Em *Brás Cubas*, Machado demonstra seu ceticismo em relação à sociedade e à natureza humana. Sua intenção está em mostrar a superioridade do mais forte, sem críticas explícitas e sem acusações, mas encaminhando o leitor a uma reflexão de si mesmo. O materialismo de *Brás Cubas* também representa o materialismo de uma época em que a aparência era mais importante que qualquer essência humana. *Brás* ambicionava o poder e para Machado esse era o objetivo humano; o poder sobre os outros. Mas o homem representado por *Brás Cubas* é tão frágil, tão pequeno e mesquinho que canta glória sem a possuir, que acha que pode sem poder algum. A morte é um fato, ou melhor, uma sentença e sobre ela não há poder; ela é a prova maior da nossa fragilidade e o romance é póstumo, portanto *Brás* já é vencido, pelo menos por seu criador.

Concluo que tudo em Machado é medido, é premeditado, nada sobra ou falta. Em todas as citações há um texto primitivo que dialoga com o texto novo – a intertextualidade. Isso mostra quão vasta era a leitura de Machado e o quanto é importante conhecer essas fontes para perceber exatamente o que ele está querendo dizer em cada linha de sua obra. Machado deve ter conhecido muitos “*Brás Cubas*” em sua época e nota-se que nesta obra ele conseguiu reunir todos os estereótipos, os quais mostraram uma sociedade fraudulenta e mesquinha, a que Machado possuía verdadeira repulsa. É preciso salientar que Machado viveu nessa sociedade, numa época em que o dinheiro e o nome de família compravam qualquer título, qualquer sonho. Machado presenciou esse tipo de atitude, mas de uma forma apenas observa-

dora, ele não fazia parte do centro, ele era a parte periférica. E dessa periferia surgiu um mestre, “plagiando Roberto Schwarz”, um mestre que nunca perderia sua veia crítica, seu agudíssimo poder de observação e o privilégio de ser apenas perfeito.

## ABSTRACT

**M**emórias póstumas de Brás Cubas is considered a water divider masterpiece for establishing Machado de Assis' rupture of standards which steered him so far then.

As substituting the lineal narration, the preference to action and the light characters make up for an independent logic of chronology, which allows the narrator to travel along time without losing the insertion of careful reflections possible at any of the masterpiece chapters, or allows the conduction of happenings without being at the mercy of the necessity to chain matters about.

However, the great rupture occurs concerning the author's preference to the characters make-up, analysed through their behavior features, in other words, through the attitudes they take towards the happenings and the community they live in. The psychological make-up of the characters, the irony that deals with social odds and the debauch which make the ruling class compose the essence of Machado de Assis' masterpiece, and that is the feature I intend to highlight along this work, not deeply but with the intention to show the criticism that Machado de Assis accomplishes upon the society of his age and how his characters work within the Universe as well.

## Referências bibliográficas

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.